

PREFERÊNCIAS E DIFICULDADES EM ATIVIDADES DE LAZER E TRABALHO PARA UM GRUPO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA

PREFERENCES AND DIFFICULTIES IN LEISURE AND WORK ACTIVITIES FOR PEOPLE WITH PHYSICAL DISABILITIES

Silvana Maria Blascovi-Assis¹

Beatriz de Oliveira Peixoto²

Geraldo A. Fiamenghi Junior³

RESUMO: A participação de pessoas com deficiência em atividades de lazer é ainda pouco freqüente. Preconceito, dependência, dificuldades financeiras, inadequação das instalações físicas, falta de transporte, falta de monitores treinados para promover a inclusão são alguns fatores que podem dificultar a participação dessas pessoas. Este estudo teve como objetivo investigar quais são as atividades de lazer mais praticadas por um grupo de pessoas com deficiência física, as dificuldades para sua prática e seu engajamento no mercado de trabalho. Participaram 30 adultos com deficiência física, que foram entrevistados a partir de um roteiro previamente elaborado. Os resultados indicam que quatro participantes exercem algum tipo de atividade de trabalho, sendo todas atividades autônomas. As atividades de lazer mais apontadas foram assistir TV, ouvir música e ler (em casa); fora de casa apareceram as visitas a familiares e as compras. Nove participantes relataram não participar de nenhuma atividade de lazer fora de casa. Entre os amigos aparecem principalmente familiares e vizinhos. As dificuldades encontradas estão ligadas à dependência de outras pessoas, à locomoção e falta de locais adaptados. As conclusões apontam para a necessidade de maior estruturação do ambiente e melhor planejamento para a inclusão dessa população em atividades de trabalho e lazer.

PALAVRAS-CHAVE: Lazer. Trabalho. Deficiência.

INTRODUÇÃO

Lazer, trabalho, deficiência: esses três temas constituem-se, por si só, em assuntos polêmicos. Quando se faz a relação entre eles, tornam-se ainda mais

1 Fisioterapeuta, Doutora em Educação Física pela UNICAMP, Docente do Programa de Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento da Universidade Presbiteriana Mackenzie - SP e da Universidade Paulista, UNIP - Sorocaba - SP.

2 Fisioterapeuta, Doutora em Ciências Médicas - UNICAMP, Coordenadora do Curso de Fisioterapia da Universidade Paulista - UNIP - Sorocaba - SP.

3 Psicólogo, PhD em Psicologia pela University of Edinburgh (Escócia), Docente do Programa de Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento da Universidade Presbiteriana Mackenzie - SP e da PUC-Campinas.

complexos. Entretanto, eles implicam em pensamentos ligados à cidadania, aos direitos e deveres, ao respeito e às relações em sociedade. São temas que despertam interesses educacionais e políticos, levando ao questionamento de conceitos, aplicação de leis, formas de atendimento terapêutico e educacional, formação de profissionais, amizades e inclusão social. Além disso, todos eles – lazer, trabalho e deficiência – carregam consigo uma visão interdisciplinar. O lazer vem sendo discutido socialmente e academicamente de modo crescente, seja pelo caráter interdisciplinar que o cerca, conquistando a cada dia novos adeptos advindos de diversas áreas, seja pela conotação comercial que abrange as atividades que são oferecidas ao público como bens de consumo. No entanto, a visão sobre o lazer ainda é acompanhada de preconceitos, motivados pelo suposto aspecto de superficialidade dessa atividade (MARCELLINO, 1996). Questiona-se, atualmente, a própria formação dos profissionais que se aventuram ao trabalho nesta área, sem o domínio de um conhecimento aprofundado, que seja isento de uma visão mercantilista e pouco fundamentada em valores culturais e educativos (ISAYAMA, 2003).

Quando se trata de grupos excluídos, os preconceitos se somam, tornando o lazer menos importante ainda, uma vez que prioritariamente encontram-se as atividades que supostamente podem colaborar de modo mais eficaz para a recuperação da produtividade social do indivíduo.

Pessoas com deficiência de qualquer natureza buscam, através das terapias, a possibilidade de reintegração social. Contudo, quando se fala em integração, inserção ou inclusão, pensa-se em uma pessoa que tenha possibilidades e chances de compor uma família, prover seu sustento, ter um trabalho e desfrutar com prazer seu tempo livre. Mas o que lhes é oferecido em muitos dos serviços terapêuticos é uma recuperação isolada de habilidades motoras, funcionais ou de linguagem, que certamente aumentarão suas chances de encontrar o caminho da inclusão, mas por si só, não abrirão oportunidades. Deve-se questionar também a formação desses terapeutas no que se refere à visão social da deficiência. Para Mazzotta (2001), a inclusão, em qualquer esfera social, "...implica, essencialmente, a vivência de sentimentos e atitudes de respeito ao outro como cidadão" (p. 47).

Em estudo realizado com crianças e jovens com deficiência mental, Blascovi-Assis (1997), revela que segundo os familiares, um dos pontos mais preocupantes na vida social é a solidão, a falta de amigos e convites para programações em tempo livre, mostrando a dificuldade na concretização das propostas de inclusão. Vash (1988) considera que as amizades auxiliam as pessoas e evitar a solidão, ressaltando que a viabilidade dos relacionamentos estabelecidos anteriormente à instalação de uma deficiência depende da natureza e da solidez dos mesmos. Os amigos podem ser vitais durante o processo de reabilitação.

Deve-se considerar ainda a interferência das relações do binômio trabalho/lazer. Em 1972, Friedmann já chamava à atenção para o fato de que o desemprego golpeia sempre em maior proporção àqueles que têm mais dificuldades em se adaptar às novas situações e são menos qualificados. Para Vash (1988)

a experimentação dos obstáculos a serem enfrentados durante a vida pode começar muito mais cedo para aqueles que adquiriram a deficiência na infância, incluindo a obtenção e manutenção do emprego e o avanço da carreira profissional. Esta autora ressalta o trabalho como uma oportunidade de maior acesso para as amizades, através da qual podem-se descobrir colegas com os quais surgirão programações de lazer fora do ambiente de trabalho.

Embora a legislação atual estabeleça um percentual de vagas direcionadas ao deficiente em grandes empresas, a conquista do mercado de trabalho em uma época de crise social na qual o desemprego vigora está apenas começando. Segundo Jannuzzi (1994) os efeitos do desemprego podem ainda desvalorizar socialmente a pessoa aos olhos da família e da comunidade, além de ser fator desmotivador para a busca de novos conhecimentos. O trabalho é uma característica do homem e caracteriza-se como uma condição de cidadania, já que direitos podem ser reivindicados à medida que se tem o registro de trabalhador.

Apesar dos direitos garantidos pela lei, nem sempre a sua aplicação configura-se como realidade. D'Antino (2001) chama à atenção para o fato do Brasil possuir uma das mais avançadas normas legais do mundo, mas ao mesmo tempo tem se mostrado como um dos países com mais dificuldades em concretizá-las. Ressalta ainda que a atual concepção de deficiência é fruto de uma história recente e que, "apesar de se ter, hoje, uma nova concepção de deficiência, muitos são os mitos, segredos e preconceitos que cercam a pessoa com deficiência, tornando turva sua imagem" (p. 202).

OBJETIVOS

Este estudo teve como objetivos investigar quais são as atividades de lazer mais praticadas por um grupo de pessoas com deficiência física, quais são as dificuldades mais apontadas para sua prática e como estas pessoas estão engajadas no mercado de trabalho.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Participaram desse estudo 30 adultos com diagnósticos clínicos neurológicos, sendo 12 com lesão medular, 13 com acidente vascular cerebral e 05 com esclerose múltipla. Todos eles eram pacientes da clínica de Fisioterapia da Universidade Paulista – campus Sorocaba. Este serviço caracteriza-se pelo atendimento gratuito à comunidade local, sendo procurado principalmente por pessoas que não possuem convênios que custeiem o atendimento terapêutico. Dos 30 participantes, 14 eram mulheres e 16 eram homens e as idades variavam entre 20 e 74 anos.

Os dados foram coletados a partir de uma entrevista estruturada (LÜDKE; ANDRÉ, 1986), cujo roteiro incluía dados sobre a identificação do paciente quanto à idade, sexo, diagnóstico, estado civil e profissão e perguntas sobre experiências de trabalho, lazer em casa, lazer fora de casa, rotina diária, programações de final de semana, atividades realizadas em períodos de férias familiares, preferências e dificuldades para a participação em atividades diversas e amizades.

As entrevistas foram realizadas na própria clínica, no horário em que as pessoas compareciam para o atendimento.

O projeto foi analisado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Presbiteriana Mackenzie, tendo sido aprovado sob processo CEP/UPM n.404/03.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

No grupo estudado, três pessoas eram viúvas, quatro separadas ou divorciadas, nove solteiras e quatorze casadas, caracterizando um grupo heterogêneo. De todos, apenas quatro pessoas referiram algum envolvimento com atividades de trabalho, fora o doméstico: um possuía uma oficina de marcenaria em casa, realizando alguns trabalhos eventuais, um auxiliava a esposa, que trabalhava no comércio, um trabalhava como vendedor e outro auxiliava a esposa na confecção de produtos artesanais. Observou-se que todos eles eram do sexo masculino, com idade variando entre 24 e 45 anos. Três apresentavam diagnóstico de lesão medular e um de acidente vascular cerebral. No entanto, 22 dos entrevistados referiram ter uma profissão e exercê-la antes de apresentar o diagnóstico de déficit neurológico. Percebe-se a perda das oportunidades de trabalho em decorrência do advento da deficiência na vida dessas pessoas. A legislação brasileira, embora inclua leis que garantem o acesso ao trabalho (D'ANTINO, 2001), além dos incentivos oferecidos às empresas que demonstram responsabilidade social, não é eficaz em sua realidade. Mesmo com a obrigatoriedade de empregar um percentual de pessoas com deficiência, não há relatos de pessoas, no grupo pesquisado, empregadas com carteira de trabalho assinada ou outra espécie de contrato. Suas garantias, enquanto trabalhadores, estão banidas: férias, fundo de garantia, abono, décimo terceiro são palavras que não fazem parte do vocabulário desse grupo. Além disso, essas pessoas perdem a chance de valorização, como refere Jannuzzi (1994). A autora alerta para o fato de que quando empregada, a pessoa com deficiência passa a sentir-se e agir de modo mais independente, sendo mais valorizada pela família e pela comunidade, sendo, inclusive, tratada de modo mais respeitoso. O grupo participante desse estudo desempenhava funções diversas antes de apresentar alguma deficiência e entre as profissões exercidas antes da deficiência instalada encontravam-se as de chapeiro, secretária, estoquista, balconista, marceneiro, comerciante, entregador, lavrador, feirante, vigilante, digitador, gerente, copeira, telefonista.

As atividades de lazer mais apontadas nas entrevistas foram assistir TV, ouvir música e ler (em casa); fora de casa apareceram visitas a familiares e as compras. Nove participantes relataram não participar de nenhuma atividade de lazer fora de casa. Este alto índice de não participação pode estar relacionado a fatores como preconceito, dependência, dificuldades financeiras, inadequação das instalações físicas dos locais onde ocorrem atividades de lazer, falta de transporte adaptado, falta de monitores treinados para promover a inclusão em programações comunitárias. Blascovi-Assis (1997), em estudo com jovens com deficiência mental, encontrou o afastamento social também representado pela reduzida participação

em atividades de lazer, ou pelo predomínio de atividades domésticas.

Entre os amigos aparecem, para a maioria, os familiares e os vizinhos. Alguns relatos demonstram que "após o acidente e a instalação da deficiência, os amigos sumiram". Segundo Vash (1988) as relações de amizade são dependentes da sua solidez, antes da instalação da deficiência. Observou-se, entretanto, neste estudo, que todos os entrevistados referiram mudanças significativas no grupo de amigos: ou estes não mantiveram o contato, ou novas amizades foram incorporadas. Sobre as amizades e as aproximações de novas pessoas após a deficiência instalada, a autora explica que existe um período de reflexão, antes de criar novos vínculos. É comum às pessoas com deficiência restringirem "seus mundos de experiência para o mais próximo e o familiar (...) Tal restrição pode incluir a limitação das companhias e a tentativa de satisfazer todas as necessidades interpessoais através dos pais, do cônjuge ou dos filhos, que continuarão parte do seu mundo de qualquer forma" (p.132-133). Alguns dos entrevistados revelaram que os amigos eram os alunos da Universidade, que os atendiam em terapia. Pessoas que freqüentavam a mesma igreja foram apontadas por outros, sugerindo que a religião pode contribuir para a vida social do indivíduo. Pode-se observar que dos quatro participantes que exerciam atividade profissional autônoma, três citavam membros da família como amigos, sendo que apenas um mencionou amigos que não tinham grau de parentesco.

As dificuldades encontradas para a participação em atividades de lazer estão ligadas à dependência de outras pessoas, à locomoção e falta de locais adaptados. O transporte especial para as pessoas com deficiência tem se constituído em importante obstáculo para locomoção. Vash (1988) lembra que até mesmo para procurar emprego a questão do transporte interfere de modo negativo durante a busca.

Assim, parece que as pessoas com deficiência enfrentam dificuldades adicionais ao lidarem com lazer e trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como ressalta Vash (1988) "ser deficiente é uma coisa. Ser incapacitado é outra" (p.25). Trabalhar e divertir-se são ações que independem da deficiência, quando a capacidade para desempenhar tais funções está presente. O lazer, considerado como possibilidade privilegiada para a vivência de valores que embasem perspectivas de mudanças de ordem moral e social (MARCELLINO, 2002), torna-se de fundamental relevância quando se trata da inclusão de pessoas com deficiência na comunidade. Os resultados encontrados nesse estudo, referentes a uma pequena amostra de pessoas com deficiência física de origem neurológica, apontam para a necessidade de maior estruturação do ambiente e melhor planejamento para a inclusão dessa população em atividades de trabalho e lazer. O lazer, por seu caráter interdisciplinar, congrega profissionais de várias áreas de atuação. Pode-se dizer que a inclusão também supõe uma atuação interdisciplinar, uma vez que se trata de um conceito que deve estar presente em toda a esfera social, implicando em uma postura de cidadania no planejamento e atuação em diversas áreas comunitárias.

O trabalho, por sua vez, faz parte das ações de cidadania e deve ser estudado, no caso de pessoas com deficiência, de modo a atender tanto a necessidade de subsistência como a de promoção das relações sociais. Há necessidade de difundir esse conceito no âmbito da medicina, da reabilitação, da educação, do direito, da engenharia, arquitetura, do turismo e de todos os campos que atuam e interferem direta ou indiretamente na vida de qualquer cidadão. Não há razão e nem sequer sentido em propostas de educação ou reabilitação que estejam desvinculadas das necessidades e características do exercício da cidadania. O planejamento dos programas de reintegração à comunidade deve cercar-se de toda e qualquer oportunidade de engajamento nas esferas diversas da sociedade: trabalho, escola, lazer, vizinhança, religião e família. Para que isso de fato ocorra, será necessário repensar não somente as atitudes profissionais relativas às especificidades, mas chamar todos os envolvidos neste processo – educadores, terapeutas, médicos, advogados, engenheiros, arquitetos e tantos outros – para a responsabilidade social de suas ações. Esta idéia revela a intenção em incentivar, como sugere Mazzotta (2001), os sentimentos e atitudes de respeito ao próximo, o que pode conduzir à inclusão em qualquer esfera social.

A partir da ampliação desse estudo, um mapeamento das dificuldades encontradas e dos desejos dessas pessoas poderá abrir maiores possibilidades para o estabelecimento de metas mais efetivas, que conduzam à conquista dos direitos de cidadania, incluindo o direito ao trabalho e a prática do lazer para essa população.

REFERÊNCIAS

BLASCOVI-ASSIS, S.M. *Lazer e Deficiência Mental*. Campinas: Papirus, 1997.

D'ANTINO, M.E.F. *Deficiência e a imagem reveladora da instituição especializada dimensões imagética e textual*. 2001. Tese (Doutora em Psicologia) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

FRIEDMANN, G. *O trabalho em migalhas*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

ISAYAMA, H.F. O Profissional da Educação Física como intelectual: atuação no âmbito do lazer. In: Marcellino, n.c. (Org) *Formação e Desenvolvimento de Pessoal em Lazer e Esporte*. Campinas: Papirus, 2003. p.59-80.

JANNUZZI, G.S.M. Escola e trabalho do considerado deficiente. In: Seminário sobre Profissionalização e Deficiência, 2, 1994, Campinas, *Anais...* Campinas: , 1994. p. 19-28.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*; São Paulo: EPU, 1986, p.1-44.

MARCELLINO, N.C. *Estudos do Lazer: uma introdução*. Campinas: Autores Associados, 1996.

MARCELLINO, N.C. *Pedagogia da Animação*. Campinas: Papirus, 2002.

MAZZOTTA, M. Dilemas e perspectivas da educação do portador de deficiência no novo milênio. In: NUNES, M.A.; FERREIRA, V.S.; Anselmo, R. (Org). *Educação Brasileira no século XXI: Desafios e perspectivas*. JOÃO PESSOA: Autores Associados, Fórum Nacional de Educação, 2001, p. 29-36.

VASH, C. L. *Enfrentando a deficiência: A manifestação, a psicologia, a reabilitação*. São Paulo: Pioneira: EDUSP, 1988.

ABSTRACT: The participation of people with disabilities in leisure activities is still not frequent. Discrimination, dependence, economic difficulties, inappropriate physical installations and transport as well as non-qualified people to promote inclusion are some points that can contribute to difficulties for those people to participate in those kinds of activities. The goal of this study was to investigate most common leisure activities practiced by people with physical disabilities, their main difficulties concerning this practice and how these people are working. Thirty persons with physical disabilities were interviewed by the researchers. Results showed that four persons were exerting some kind of activity work, in all the cases without employ contract. The leisure activities pointed were watching TV, listening to music and reading (inside home). Out of home, the subjects chose familiar visits and shopping. Nine subjects related no participation in leisure activities out of home. Their friends are their family and neighbours. Difficulties related were dependence on other people, difficulties in locomotion and poorly adapted locals. The conclusions showed the needs to develop more structured environment and better planning to include this people in leisure and work activities.

KEYWORDS: Leisure. Work. Disability.

Endereço dos autores:

Silvana Maria Blascovi-Assis

Av. Fernando Stecca, 571 – Cond. Costantino Matucci

R 1, casa 204 – 18087-450 – Sorocaba-SP

Endereço Eletrônico: silvanabassis@uol.com.br

Recebido em: 14/04/2004

Aceito em: 18/05/2004

Beatriz de Oliveira Peixoto

Endereço Eletrônico: biapeixoto@splicenet.com.br

Geraldo A. Fiamenghi Junior

Endereço Eletrônico: fiamenghi@mackenzie.com.br